

Mais de um terço das famílias é indigente

Estudo mostra que renda de 38,5% dos domicílios capixabas é menor que o custo da cesta básica

RITA BRIDI

Um total de 255,37 mil famílias, o equivalente a 38,5% das existentes no Espírito Santo, são indigentes, ou seja, vivem em extrema penúria e abaixo da linha de pobreza. O cálculo foi feito pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) com base no estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) e no censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1991, quando foi registrado um universo de 663,3 mil famílias residentes em domicílios particulares no território capixaba.

São consideradas indigentes, de acordo com o Ipea, as famílias cuja renda global é, no máximo, igual ao valor da cesta básica de alimentos que atenda aos requerimentos nutricionais recomendados pela Organização para Alimentos e Agricultura (FAO), enti-

dade ligada à Organização Mundial de Saúde (OMS) e à Organização das Nações Unidas (ONU). A cesta básica de alimentos, tem cerca de 80 itens e sua composição varia de acordo com os hábitos da região, mas seu custo é inferior a um salário mínimo.

Segundo o estudo do Ipea, o Espírito Santo ocupa a 16ª colocação em proporção de indigentes no país, com as 255.377 famílias que vivem em estado de indigência e mal conseguem se alimentar porque o que consomem não chega a atingir o padrão mínimo de calorias e proteínas estabelecidos pela FAO/OMS. A taxa de indigência corresponde à divisão do número de famílias indigentes pe-

lo número total de famílias de cada município, explicou a coordenadora da área de Desenvolvimento Urbano do Instituto Jones dos Santos Neves, Terezinha Guimarães Andrade.

A cidade capixaba com maior índice de famílias indigentes é Ecoporanga. No município, localizado no extremo Norte, na área de abrangência da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), 47,9%, quase a metade das famílias, num total de 2.613, são consideradas indigentes. Vitória, a Capital do Estado, é a que tem menor percentual de famílias indigentes: 15,7%, que correspondem a 10.103 famílias. Cariacica, embora o percentual seja de 25%, é a cidade

capixaba com maior número de famílias indigentes: 15.978.

Renda

Nos 77 municípios capixabas, apenas em Vitória, mais de 50% da população tem rendimento médio mensal superior a três salários mínimos. Nas outras 76 cidades, mais da metade dos habitantes têm renda média mensal de até três salários mínimos (R\$ 408,00). Os dados do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) apontam que 76,03% da população do Espírito Santo tem rendimento médio mensal de até três salários mínimos, ou seja, vive na linha de pobreza.

Terezinha Guimarães explicou que vivem na chamada linha de pobreza as famílias cujo rendimento médio mensal do chefe é até três salários mínimos.

Em 56 municípios, incluindo cidades de porte como Linhares, Colatina, Cachoeiro de Itapemirim, Cariacica, Aracruz, São Mateus, Conceição da Barra e Guarapari, a maior parte da população tem rendimento de até três salários mínimos. Nessas cidades o índice da população que tem essa renda varia de 70% a 90%. Em 19 municípios, um percentual entre 90% a 100% recebe até três salários mínimos.

O mapa da pobreza no ES

Maior número de famílias indigentes está em Ecoporanga e o menor em Vitória

Ranking elaborado pelo Instituto Jones Santos Neves compara número de famílias com renda inferior ao custo da cesta básica com o número total de famílias residentes nos municípios capixabas. Ecoporanga lidera o ranking da pobreza no Estado, com 47,9% das famílias ganhando o insuficiente para adquirir a cesta básica.

RANKING	Municípios	Absoluta	Relativa(%)
1	Ecoporanga	2.613	47,9
2	Apiacá	812	45,7
3	Pres. Kennedy	985	44,8
4	Mucurici	1.124	44,6
5	Mantenópolis	1.425	43,6
6	Muniz Freire	1.931	43,5
7	Afonso Cláudio	4.967	43,2
8	Santa Leopoldina	1.109	43,2
9	Atílio Vivácqua	670	42,7
10	Divino de São Lourenço	385	42,7
11	São José do Calçado	1.082	42,4
12	Pinheiros	1.964	41,2
13	Boa Esperança	1.101	41,1
14	Conceição da Barra	3.543	41,1
15	Montanha	1.566	40,9
16	Alegre	3.696	40,6
17	Jerônimo Monteiro	860	40
18	Barra de São Francisco	4.492	39,7
19	Itaúna	4.133	39,6
20	Pancas	2.370	38,8
21	São Mateus	7.273	38,6
22	Mimoso do Sul	2.160	37,7
23	Itapemirim	3.810	37,6
24	Domingos Martins	3.032	37,6
25	Piúma	815	37,6
26	Muqui	1.165	37,5
27	Conceição do Castelo	1.605	37
28	Baixo Guandu	2.421	36,5
29	Dores do Rio Preto	434	35,9
30	Nova Venécia	3.629	35,3
31	Viana	3.339	34,4
32	Rio Novo do Sul	786	34,2
33	Anchieta	1.106	34,1
34	Fundão	849	34
35	Linhares	10.177	33,8
36	Itaguaçu	1.037	33,7
37	Santa Teresa	2.247	33,6
38	São Gabriel da Palha	3.013	33,6
39	Guacuí	1.817	33
40	Bom Jesus do Norte	665	32
41	Castelo	2.093	32,6
42	Alfredo Chaves	924	32
43	Iconha	703	31,4
44	Pedro Canário	1.488	30,9
45	Jaguaré	1.178	30,7
46	Santa Maria de Jetibá	1.593	30,4
47	Venda Nova do Imigrante	831	30,3
48	Ibatiba	1.047	30,3
49	Vargem Alta	904	30
50	João Neiva	929	29,7
51	Ibitirama	529	29,6
52	Laranja da Terra	735	29,5
53	Alto Rio Novo	517	29,4
54	Marilândia	623	29,3
55	Colatina	7.810	29,2
56	Rio Bananal	1.066	29,1
57	Aracruz	3.231	29,1
58	Água Doce do Norte	876	29,1
59	Água Branca	679	29,1
60	Itarana	655	28,2

Três histórias de dor e esperança

"Não perco a esperança em Deus de conseguir um lugar para morar com minha mulher e minhas meninas", diz Ailton Pereira da Silva, um mineiro de 43 anos, desempregado há mais de dois anos e que há seis meses está acampado, com a mulher e as três filhas, às margens da BR 101 Norte, num barranco em frente aos muros que cercam o terreno da Atlantic Veneer. Ele não tem casa, trabalho e todos os dias vive a angústia de não ter comida para a família.

Quem transita pela rodovia em alta velocidade - e provavelmente



de conseguir um lugar para morar com minha mulher e minhas meninas”, diz Ailton Pereira da Silva, um mineiro de 43 anos, desempregado há mais de dois anos e que há seis meses está acampado, com a mulher e as três filhas, às margens da BR 101 Norte, num barranco em frente aos muros que cercam o terreno da Atlantic Veneer. Ele não tem casa, trabalho e todos os dias vive a angústia de não ter comida para a família.

Quem transita pela rodovia em alta velocidade – e provavelmente nem percebe a existência do miserável barraco –, não faz idéia da dor, do sofrimento e da humilhação dessa família que sobrevive com menos de R\$ 40,00 mensais. O dinheiro para comprar comida é apurado com a venda de latas catadas no lixo. A mulher de Ailton, Maria Helena dos Santos, 38 anos, não consegue conter as lágrimas quando conta que é obrigada a pedir comida. “Choro de vergonha. Eu não queria estar pedindo. Queria um emprego para mim e para meu marido para sairmos dessa situação e vivermos com dignidade”, desabafa.

As meninas – Bárbara de 11 anos, Beatriz de oito e Iara de cinco – estudam numa escola no bairro de Taquara. Eles não as deixam sozinhas nem um minuto com medo do que lhes possa acontecer o pior. “Elas não podem ficar sozinhas. Aqui passa tudo o que não presta”, revela Maria Helena.

Na família de Domingos da Penha Lyrio, morador no bairro de Planalto Serrano, apenas ele tem emprego fixo. Trabalha como pedreiro na Prefeitura da Serra. Os três filhos – dois casados – estão desempregados e vivem de trabalho temporário. O rendimento fica abaixo de três salários mínimos. Jonas Passos Lyrio, 30 anos, está desempregado. A mulher Marina Helena Moura, 25 anos, também está sem trabalho. Eles têm três filhos e o sustento da família vem dos biscates, quando surgem, e da ajuda do pai.

Detamar Passos Lyrio, 23 anos, tem dois filhos pequenos. Já trabalhou como auxiliar e pedreiro, mas agora está desempregado. Tem procurado nova colocação, mas não tem obtido sucesso. Quando consegue trabalho no próprio bairro, recebe R\$ 20,00 por dia, exercendo a função de pedreiro. É dessa forma que consegue o sustento da família. O caçula dos três filhos de Domingos Lyrio, Wemerson Passos Lyrio, tem 15 anos. Estuda à noite e durante o dia tenta conseguir emprego para ajudar no sustento da casa.



Fotos de Chico Guedes

Dignidade

Maria Helena dos Santos e as filhas, no barraco improvisado, na Serra, onde vivem com R\$ 40,00 por mês: ‘Choro de vergonha, mas tenho que pedir comida’



Biscates

Os irmãos Wemerson Passos (esquerda), Detamar Passos e Marina Helena Moura, moradores da Serra: sem emprego, sobrevivência garantida com biscates



SONHO

Casal em busca de emprego

O desemprego não escolhe idade para fazer suas vítimas. Que o digam Rogério dos Santos Barcelos, 21 anos, e sua mulher, Maria Márcia Rodrigues Jesus Barcelos, 16 anos, moradores da rua dos Eucaliptos, no Planalto Serrano, Serra. Casados há nove meses, mesmo sendo jovens, sentem o disabor de terem sido excluídos do mercado de trabalho. Rogério está desempregado há dois meses e Márcia procura trabalho há mais de um ano.

44	Pedro Canário	1.488	30,9
45	Jaguare	1.178	30,7
46	Santa Maria de Jetibá	1.593	30,4
47	Venda Nova do Imigrante	831	30,3
48	Ibatiba	1.047	30,3
49	Vargem Alta	904	30
50	João Neiva	929	29,7
51	Ibitirama	529	29,6
52	Laranja da Terra	735	29,5
53	Alto Rio Novo	517	29,4
54	Mariândia	623	29,3
55	Colatina	7.810	29,2
56	Rio Bananal	1.066	29,1
57	Aracruz	3.231	29,1
58	Água Doce do Norte	876	29,1
59	Água Branca	679	29,1
60	Itarana	655	28,2
61	Guarapari	4.000	28,1
62	Serra	12.998	26,3
63	Cachoeiro de Itapemirim	9.815	26,2
64	Cariacica	15.978	25
65	Ibiraçu	520	23,8
66	Vila Velha	11.223	17,5
67	Vitória	10.103	15,7

OBS: Não constam os dez municípios criados após 1990.

FONTE: Instituto Jones Santos Neves

A Gazeta Editoria de Arte

Acaba estoque de comida do Governo

CLÁUDIA FELIZ

Mais de 30 mil famílias, residentes em 20 municípios do Espírito Santo, não estão podendo ter acesso às cestas básicas do Prodea, programa ligado ao Comunidade Solidária, do Governo federal. A causa é uma só: não há estoque de alimentos. A comida acabou e há municípios, como Ecoporanga, no extremo Norte do Estado, que não recebem cestas há 60 dias. Do grupo cadastrado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) – órgão executor do programa – fazem parte também índios e pessoas que vivem em acampamentos, na expectativa de serem atendidas com terra pelo Incra.

O gerente Operacional da Conab no Estado, Pedro Antônio Medlane Cravinho, disse que o estoque de alimentos zerou no último dia 27 de agosto, quando foram beneficiadas famílias de alguns municípios da região Sul. Segundo ele, a escassez atinge os municípios em períodos variados, chegando em alguns casos a dois meses. “O problema é geral, afeta o país inteiro. Mas está havendo empenho para que a situação seja corrigida e as famílias voltem a receber as cestas”, disse Cravinho. Ele só não soube precisar quando tal fato acontecerá.

No Espírito Santo a Conab distribuiu alimentos de janeiro a agosto deste ano, mas em julho já

não havia estoque suficiente. Segundo Cravinho, foi preciso dividir os alimentos entre os municípios. As cestas contêm arroz, feijão, farinha, açúcar, fubá e óleo. Mas, por falta de recursos financeiros, o óleo não vinha sendo comprado.

De acordo com o gerente, no ano passado, em todo o país o Governo investiu na distribuição de alimentos para a população mais de R\$ 400 milhões. Este ano teria havido, segundo ele, uma redução acentuada, mas Cravinho não precisou de quanto. Ele explicou que a Conab recebe os recursos financeiros do Governo Federal para comprar, estocar e distribuir os alimentos.

Estão sem receber a cesta de comida do Governo um total de 30.392 famílias, no Estado, nos seguintes municípios: Água Doce do Norte (880); Alto Rio Novo (517); Ecoporanga (2.350); Mantenedópolis (1.425); Pancas (2.370); Conceição da Barra (4.059); Muricuri (601); Ponto Belo (658); Pedro Canário (1.566); Pinheiros (1.964); Santa Leopoldina (1.175); Afonso Cláudio (3.034); Brejetuba (1.154); Apiacá (812); Atílio Vivacqua (707); Divino São Lourenço (413); Ibitirama (552); Muniz Freire (1.931); Presidente Kennedy (998); e São José do Calçado (1.707). Também estão sem receber os alimentos 1.758 famílias em acampamentos do Incra e 298 famílias de índios.